

# REVISTA **BRASILEIRA**

*Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.*

Machado de Assis



Avenida Presidente Wilson 203 / 4º andar  
Centro  
20030-021 Rio de Janeiro RJ

Telefones  
Geral +(55-21) 3974 2500  
Setor de Publicações +(55-21) 3974 2525  
[publicacoes@academia.org.br](mailto:publicacoes@academia.org.br)  
[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)

Esta *Revista* está disponível  
em formato digital no *site*  
[www.academia.org.br/revistabrasileira](http://www.academia.org.br/revistabrasileira)

ISSN 0103707-2

---

## Serendipidade

---

Jorio Dauster

Embaixador aposentado, consultor de empresas, tradutor. Já traduziu mais de oitenta obras, entre elas dos seguintes autores: J.D. Salinger, Vladimir Nabokov, Philip Roth, Salman Rushdie e Ian McEwan.

**P**ara qualquer um que se interesse pela literatura – como escritor, tradutor ou leitor –, a origem das palavras e sua evolução constitui uma fonte perene de investigação e de prazer. A etimologia, ramo da linguística que cuida dessas questões e teve sua gênese nos diálogos de Platão, é hoje uma ciência muito sofisticada que busca estabelecer a forma mais antiga de cada vocábulo ou dos elementos que o compõem – o étimo, que em grego quer dizer o “verdadeiro significado”. Trata-se de uma complexa pesquisa histórica que envolve várias línguas, sobretudo as que pertencem ao mesmo tronco, examinando os desvios fonéticos e de acepções que cada palavra terá sofrido ao longo dos séculos.

Jamais esquecerei o dia em que uma professora do então chamado curso primário teve a inspiração de explicar à turma embasbacada como a palavra *coelho* derivava do latim *cuniculus*, conquanto o termo original sobrevivesse, por exemplo, no vocábulo *cunicultura* que designa a criação desses pequenos mamíferos da família *Leporidae*. Por sua vez, o termo *lábio leporino* vem do latim *leporem*, que se refere à fenda natural que têm as lebres e os coelhos. E é esse tipo de relacionamento quase mágico que enriquece nosso conhecimento da coisa viva que constitui a linguagem e, mais especificamente, das razões que fazem um escritor por vezes escolher determinada palavra que tem conexões etimológicas sutis com outras que estão presentes em seu texto.

No Brasil, além do latim que segundo Bilac gerou “a última flor do Lácio, inculta e bela”, temos substanciais contribuições enriquecedoras das línguas de nossos povos originais e dos que aqui chegaram sob o jugo da escravidão. Por exemplo, do tupi-guarani herdamos *jacaré*, infelizmente sem sabermos hoje que *jaeça-caré* significa “o que olha de banda”. Gosto muito de *moleque*, do quimbundo *mu’leke* (filho pequeno, garoto), porque demonstra como o significado se altera numa nova cultura ao adquirir um sentido adicional de comportamento impróprio, mais visível na palavra derivada *molecagem*. A isso somam-se as numerosas importações de outros idiomas, em especial do inglês, muitas vezes para designar novos aparelhos ou termos científicos (*laser*) e tecnológicos (*internet*). Assim, tratamos de *deletar* o que antes *escaneamos* nos valendo de um *mouse* – embora nossos avozinhos prefiram fazê-lo com a ajuda de um *rato*.

Nesse rico e sempre cambiante panorama, sinto-me atraído em especial pelas palavras que não nos vêm de nenhum antepassado ou não tomamos emprestado de outros idiomas: as palavras inventadas. Elas frequentemente são manifestações da cultura popular, como as gírias (*bacana*), os termos usados por jovens (*treta*), o linguajar de traficantes (*beque* como cigarro de maconha), tendo em geral vida breve, porém às vezes “caindo no goto” do público e sendo por fim entronizadas ao entrar para um dicionário. Na verdade, os neologismos parecem brotar de uma caixinha de surpresas, como é o caso do *sambódromo*, criado por Darcy Ribeiro juntando a palavra *samba* com o termo grego *drómos* (caminho, via) certamente inspirado pelos bem conhecidos autódromos e hipódromos. Mas ninguém poderia prever o surgimento anônimo de *camelódromo*, *fumódromo* e outros tantos lugares em que se praticam determinadas atividades. Quem sabe um dia a ABL será chamada de *letródomo*...

No entanto, sinto uma atração especial pelas invenções dos escritores, seja quando modificam um vocábulo já existente a fim de lhe imprimir nova significância ou maior força estilística, seja quando sentem a necessidade de expressar algum sentimento ou conceito ainda não presente no léxico. Esse fenômeno ocorre desde sempre em todas as línguas, havendo numerosos estudos acadêmicos sobre os neologismos na literatura brasileira observados nos escritos de Alencar, Gonçalves Dias, Bilac, Ruy Barbosa, Bandeira e tantos outros. Entretanto, sem dúvida sua expressão máxima desponta em toda a obra de Guimarães Rosa, com centenas de neologismos de variada formação, como *cabismeditado*, *circuntristeza* e até o erudito *taurophongo*, com que ele designou o corriqueiro mugido combinando os termos gregos *táuros* e *phoggos* (som da fala). Todavia, enquanto alguns especialistas afirmam que o famoso *nonada*, palavra que abre o romance *Grande Sertão: Veredas*, é uma de suas notáveis criações, outros dizem ser um arcaísmo que meu antigo colega, chefiando a Divisão de Fronteiras do Itamaraty, foi buscar no poço de sua imensa cultura. *Nonada*, João.

Na língua inglesa encontramos belos exemplos dessas invenções lexicais. Houve tempo em que se supunha que Shakespeare houvesse criado milhares de novos vocábulos, porém as técnicas modernas que permitem pesquisar textos mais antigos reduziram esse número a algumas dezenas, dentre os quais diversos de uso cotidiano como *assassination*, *uncomfortable*, *manager* e *inaudible*. Muitos outros escritores continuaram sua obra criadora, como, por exemplo, Thomas More com *utopia*, palavra grega que significa “em lugar nenhum” mas que o autor usou como nome de sua nação ideal; *robot* (*robô*), derivada por Karel Čapek do tcheco *robota*, que significa trabalho forçado; *pandemonium* (*pandemônio*), com que John Milton em *Paradise Lost* juntou o prefixo grego *pan* (exprimindo a totalidade) com o vocábulo latino *demonium* a fim de dar nome à capital do Inferno; *meme*, termo inventado por Richard Dawkins para designar a unidade mínima de cultura que se multiplica de cérebro em cérebro e agora é aplicado sobretudo aos itens que são disseminados pela internet; *nymphet* (*ninfeta*), que era um pequeno espírito feminino visualizado pelos gregos até que Vladimir Nabokov, em *Lolita*, popularizou a palavra para caracterizar uma jovem sexualmente atraente, gerando como sinônimo o próprio título do livro.

---

Sinto uma atração especial pelas invenções dos escritores, seja quando modificam um vocábulo já existente a fim de lhe imprimir nova significância ou maior força estilística, seja quando sentem a necessidade de expressar algum sentimento ou conceito ainda não presente no léxico.

---

Esses exemplos mostram como tais escritores mudaram ou aperfeiçoaram nossa maneira de ver o mundo, preenchendo lacunas que certamente nem eram percebidas pela maioria das pessoas mas não escaparam à sensibilidade daqueles que têm a responsabilidade intelectual de traduzir em palavras a realidade que nos circunda. No entanto, o neologismo literário que mais me encantou ultimamente foi o termo *serendipidade*, a descoberta de algo por acaso, em geral alguma coisa boa ou útil – e isso por razões pessoais que relatarei adiante.

Trata-se de um anglicismo, a tradução da palavra *serendipity* que tem notável força sonora em virtude de seu início enigmaticamente evocativo e do final com três sílabas compostas por consoantes explosivas e a vogal “i” – di, pi, ti. Em português, ela se enfraquece com o sufixo *dade* que costuma substituir o *ty* do inglês.

São também encontradas, embora menos comumente, as formas *serendiptismo*, *serendipitia* (como em espanhol) e mesmo *serendipismo* (em que o *t* foi inexplicavelmente defenestrado). Como não gosto de nenhuma dessas formações, caso me coubesse a primeira tradução do termo eu usaria a variante *serendipidez*, assim como *lucidity* e *stupidity* têm seus equivalentes em *lucidez* e *estupidez*.

Vejamos o que, na carta ao amigo Horace Mann, seu inventor Horace Walpole disse em 1754:

*Na verdade, essa descoberta é quase da espécie que eu chamo de serendipidade, uma palavra muito expressiva que, como não tenho nada de melhor para lhe contar, buscarei explicar aqui: você a entenderá melhor graças à derivação do que graças à definição. Certa vez eu li um tolo conto de fadas intitulado “Os três príncipes de Serendipe”: ao viajarem, Suas Altezas sempre faziam descobertas, por acidente e sagacidade, de coisas que não procuravam: por exemplo, um deles descobriu que uma mula cega do olho direito havia percorrido recentemente a mesma estrada porque o capim só tinha sido comido do lado esquerdo, onde era pior que do lado direito – agora entende o que é a serendipidade?*

Horace Walpole (1717-1797) foi um aristocrata inglês, filho mais moço do primeiro-ministro Robert Walpole, autor do primeiro romance gótico na língua inglesa (*O castelo de Otranto*) e um dos mais assíduos escritores de carta de sua época. Colecionador fascinado pela Idade Média, foi a descoberta fortuita do vínculo entre duas famílias graças à investigação de seus brasões num velho livro que inspirou a criação da nova palavra a partir de um nome antigo do Ceilão,

Serendip. O “tolo conto de fadas” a que Walpole se refere consta do livro *The Travels and Adventures of the Three Princes of Serendip*, que seria a tradução para o inglês de um conto persa originalmente vertido para o francês. Mas, como nada é certo no que tange à serendipidade, muitos estudiosos acreditam que a história foi publicada pela primeira vez em Veneza, no ano de 1557, como sendo supostamente a tradução para o italiano de um conto persa, conquanto fosse na verdade uma produção local estimulada pelo crescente interesse na Europa por tudo que tivesse sabor oriental.

Por outro lado, Walpole se enganou ao mencionar na missiva a Mann uma mula cega de um olho quando, no livro em que tomou conhecimento da história, se tratava de um camelo (enquanto em outras versões também haja sido um elefante, dependendo obviamente do lugar em que o conto foi reproduzido). Mais importante, porém, é que os três príncipes não descobrem nada, nenhum tesouro como seria de esperar naquele tipo de narrativa. O que fazem, isso sim, são inferências lógicas extremamente perspicazes do que teria acontecido com base no que veem, como é o caso da grama mais comida num dos lados da estrada. Nesse sentido, suas deduções se assemelham às que, no final do século XIX, Sir Arthur Conan Doyle imortalizou na figura de Sherlock Holmes.

Todavia, a ambiguidade da palavra já estava de fato expressa na explicação de Walpole quando afirma que “Suas Altezas sempre faziam descobertas, por acidente e sagacidade, de coisas que não procuravam”. A chave está no termo *sagacidade*. Daí resultou um debate que vem até o dia de hoje sobre o que predomina na serendipidade: a sorte pura, o mero acaso, ou a esperteza, a preparação mental, de quem faz a descoberta feliz? Ou esses dois fatores sempre devem estar presentes em combinações imprevisíveis? O certo é que, fosse ou não essa a intenção de Walpole, sua palavra deu grande ênfase ao papel do acidente no processo de certos tipos de descoberta científica.

Até ser dicionarizado no século XX, o percurso do vocábulo inventado no século XVIII é uma aventura similar à dos três príncipes. Na maior parte da sisuda era vitoriana, Walpole foi visto como um escritor menor, um homem frívolo interessado em quinquilharias históricas e mexericos, razão pela qual sua carta a Mann só veio a público em 1833, 79 anos após ser escrita. A reputação literária do autor fortaleceu-se muito com a obra de um famoso estudioso, Austin Dobson, intitulada *Horace Walpole: A Memoir* e publicada em 1890, na qual seu papel como missivista é particularmente apreciado. Mas, apesar de ocorrerem na Inglaterra acalorados debates sobre o papel do acaso nas descobertas científicas que então se multiplicavam, a palavra serendipidade só apareceu pela primeira vez em letra de forma em 1875, 42 anos depois de publicada a carta a Mann.

Tudo começou quando certo M. N. S. fez a seguinte pergunta no periódico *Notes and Queries*, que servia como ponto de encontro para pessoas com os mais diversos interesses literários: “Onde em suas admiráveis cartas Horace Walpole se refere à história da Princesa de Serendip, e onde a história pode ser encontrada?” A transformação dos três príncipes numa princesa terá resultado de um lapso de memória do anônimo autor da pergunta, porém é típica das atribulações que marcam a trajetória da palavra. Não demorou para que Edward Solly, nas horas vagas um bibliófilo interessado em antiguidades, identificasse a carta a Mann, reproduzisse

o trecho relevante e acrescentasse: “Horace Walpole usou a palavra *serendipidade* para designar uma espécie de perspicácia natural”, sugerindo assim que se tratava de um dom inato.

Três anos depois, outro leitor anônimo de *Notes and Queries* indagou se alguém conhecia a história da palavra *serendipidade* que Walpole inventara para expressar “a sorte de uma pessoa que, cedo ou tarde, obteve o que desejava.” Mais uma vez a resposta veio de Solly, explicando que, segundo Walpole, a palavra se referia à descoberta de coisas que a pessoa não estava procurando. Disse também que, tendo encontrado um anúncio do livro sobre a viagem dos três príncipes, esperava que algum dia viesse a obter um exemplar dele graças à serendipidade. Apesar de sua insistência de que não havia uma procura consciente, outros leitores do periódico usaram o vocábulo para descrever a descoberta fortuita daquilo que de fato buscavam, inclusive dando um caráter místico à experiência.

Só em 1909 o vocábulo foi registrado pela primeira vez no *The Century Dictionary and Cyclopaedia*, que deu ênfase a um suposto elemento humorístico da serendipidade e se preocupou mais com a etimologia de Serendip. Três anos depois, a palavra fez sua aparição no prestigioso *Oxford English Dictionary* e, a partir de então, passou a figurar em praticamente todos os léxicos de língua inglesa. Conquanto fosse mantida essencialmente a definição de uma feliz descoberta acidental, alguns deram guarida às variações de significado que já examinamos, sendo que o *Webster’s New World Dictionary* inicialmente atribuiu ao próprio Walpole a autoria da história dos três príncipes.

Malgrado essas diferenças de interpretação, até a década de 1930 todos os usuários da palavra, em sua maioria homens de letras, viam o fenômeno como algo completo, a referência bibliográfica ou o livro encontrados por acaso e ponto final. No entanto, quando o conceito foi adotado pelos cientistas, isso mudou radicalmente: para eles, a descoberta fortuita era apenas o primeiro passo, exigindo explicações e se transformando em parte integral do processo de pesquisa. A serendipidade adquiria assim um verniz racional.

Há incontáveis exemplos de serendipidade nas ciências, tais como os pulsares, a radioatividade, a borracha vulcanizada, os raios-X e o micro-ondas para só citar alguns poucos casos. O mais famoso e talvez de mais ampla aplicação prática tenha sido a penicilina, descoberta por acaso em 1928 por Alexander Fleming num hospital de Londres. Fleming estudava as bactérias do gênero *Staphylococcus* quando reparou que uma amostra havia sido contaminada por um fungo. Voltando das férias, notou que um dos recipientes com culturas de bactérias estava bolorento e que as bactérias ao redor do bolor tinham desaparecido. Mediante alguns testes, logo entendeu que o bolor, pertencente ao gênero *Penicillium*, liquidava as bactérias. Estava assim criada a penicilina, o primeiro antibiótico da história que, juntamente com os numerosos bactericidas que se seguiram, inclusive aqueles sintetizados ou alterados em laboratórios, certamente já salvaram bilhões de vidas desde a gloriosa descoberta de Fleming.

Todavia, a palavra serendipidade hoje encontra aplicação em quase todos os campos da atividade humana. Entre os mais curiosos, verifiquei que essa é a denominação do princípio do direito penal brasileiro que permite às autoridades policiais

utilizar provas descobertas por acaso em outras investigações, mesmo não existindo conexão com o fato originalmente apurado. E nosso amigo Walpole, há exatos 270 anos, nem poderia sonhar que algum dia sua invenção iria definir algo que acontece devido ao uso criminoso de telefones celulares...

\* \* \*

Antes de se autocondenar ao silêncio editorial de 1965 até sua morte em 2010, aos 91 anos, Salinger havia publicado um romance (*O apanhador no campo de centeio*) e 32 contos. Seis deles foram integrar o volume das *Nove Estórias* e, na ordem da publicação, quatro outros apareceram em livros: *Franny*, *Carpinteiros*, *levantem bem alto a cumeeira*, *Zooey* e *Seymour, uma apresentação*. Os outros 22 foram por ele considerados indignos de serem acolhidos em exemplares de capa dura, apesar de terem vindo a lume em revistas de peso, como *Collier's*, *The Saturday Evening Post*, *Cosmopolitan*, *Story*, *Mademoiselle* e *The New Yorker*, além de merecer encômios até de Ernest Hemingway.

Como o romance se tornara objeto de verdadeiro culto, fazendo de Salinger o guru dos milhões de adolescentes que se identificavam com Holden Caulfield ao rejeitar as falsidades da vida adulta, quando se soube que aqueles contos jamais veriam a luz do dia ocorreu uma verdadeira caçada às revistas que os haviam abrigado originalmente. Munidos de giletes, os admiradores do autor recolheram na fonte aquelas preciosidades, sendo voz corrente que nas bibliotecas públicas e universitárias não resta incólume um único dos números visados.

No início dos anos 70, quando eu já havia cotraduzido o *Apanhador* com Álvaro Alencar e Antônio Rocha, bem como *Nove estórias* apenas com Álvaro, li um artigo no *Herald Tribune* que relatava a luta de Salinger para coibir uma edição pirata que continha os vinte e dois contos condenados ao esquecimento. Não havia muito que

---

A ambiguidade da palavra já estava de fato expressa na explicação de Walpole quando afirma que “Suas Altezas sempre faziam descobertas, por acidente e sagacidade, de coisas que não procuravam”.

A chave está no termo *sagacidade*. Daí resultou um debate que vem até o dia de hoje sobre o que predomina na serendipidade: a sorte pura, o mero acaso, ou a esperteza, a preparação mental, de quem faz a descoberta feliz?

---

a polícia pudesse fazer pois os vendedores clandestinos ofereciam os exemplares de livraria em livraria, cobrando em espécie e desaparecendo a seguir, enquanto os livreiros ocultavam os volumes e só os mostravam a clientes de confiança. Para mim, trabalhando como diplomata no Planalto Central, só restou a certeza de que eu nem teria a oportunidade de cometer um pequeno (mas compreensível) delito ao adquirir a edição ilegal.

Alguns anos depois eu caminhava pelas ruas de Paris, levado até lá por alguma reunião de cunho econômico, quando parei diante da vitrine de uma livraria chinfrim, passei os olhos pelos títulos franceses e, não mais que de repente, me deparei com uma estranha dupla de volumes: capas brancas com o desenho de uma mulher e uma menina, vestidas nos trinques e empoleiradas na beira de uma cama com dossel e volumosos travesseiros, conversando com um soldado sentado diante delas numa poltrona. Na parte superior, em letras vermelhas sobre fundo rosa, no melhor estilo *belle époque*, o nome do autor, J. D. Salinger e mais abaixo *March 1940* (mês em que foi publicado o primeiro conto, *Young Folks*). Na parte inferior da capa, os títulos dos contos (17 no primeiro volume, 5 no segundo) e, num retângulo rosa-pálido, as palavras que me deixaram atônito: *Featuring The Complete Uncollected Short Stories!*

Entrevoando na livraria, certo de que alguém estaria finalizando a compra daquele pequeno tesouro. Evidentemente, a loja estava deserta e a velha senhora que me atendeu não tinha a menor ideia de quem era J. D. Salinger, ficando muito satisfeita por eu haver levado não só a dupla da vitrina mas também duas outras que dormiam o sono eterno numa prateleira mal iluminada (com as quais presenteei meus cotradutores).

Na época, achei que aqueles volumes faziam parte da operação empreendida anos antes na Califórnia, um pequeno número de exemplares que tivera de escapar da repressão policial. Mas hoje acredito que podem ter sido feitas duas edições ilícitas: os volumes que encontrei em Paris e os que surgiram em São Francisco. Além dos riscos envolvidos na importação de livros ilegais, tal impressão é reforçada pela sofisticação da capa e pelos erros de ortografia existentes no prefácio do primeiro volume (“skelton key”, “tracable” e “adolesents”), sugerindo se tratar de um produto europeu. Atualmente essa dúvida pode ser esclarecida por alguém que possua exemplares das duas edições porque, apesar de raros, eles podem ser comprados na internet por cerca de mil dólares – mas os meus, fiquem certos, não se encontram à venda!

\* \* \*

Nada na minha vida, antes ou depois, teve características tão claras de serendipidade. Sem dúvida encontrei pessoas de quem me lembrei sem razão alguma e, subitamente, apareceram algum tempo depois como num passe de mágica. Sem dúvida houve coincidências estranhas, inclusive envolvendo eventos reais e coisas lidas em algum livro. Afinal, todos nós vez por outra somos obrigados a repetir que não acreditamos em bruxas embora sabendo que elas certamente existem...



Foi uma sorte estar naquele dia em Paris, cidade que só visitei algumas vezes por períodos curtos. Foi ainda mais sorte sair andando à toa num fim de tarde quando de hábito voltava direto para o hotel a fim de tomar um banho e um uísque antes do jantar. Foi uma sorte incrível passar diante daquela livraria. E foi uma sorte simplesmente incomensurável parar para ver o que havia na vitrine da loja, que nada tinha de atrativa, e dar de cara com os dois exemplares dos contos banidos.

Entretanto, nada teria acontecido se eu não conhecesse quem era J. D. Salinger e, mesmo se o conhecesse apenas por haver lido *O apanhador no campo de centeio* como milhões de outras pessoas, não soubesse que ele havia impedido a publicação dos 22 contos e, muito menos, que deles existia uma edição pirata (embora nos Estados Unidos e não na França). Assim, ocorreu o encadeamento de uma série de fatores individualmente improváveis porque a sorte precisou ser acompanhada daquilo que Walpole chamou de sagacidade e Louis Pasteur, a quem a medicina e a química devem notáveis descobertas, de “mente preparada”. Como se a vara de condão fosse inútil caso não a empunhasse uma fadinha que lhe confere poderes mágicos.

E você, já teve alguma experiência de serendipidade? ●